

A CORRIDA PARA SALVAR OS ROMÁNOV

Helen Rappaport

A corrida para
salvar os Románov
Os planos secretos para resgatar
a família imperial da Rússia

TRADUÇÃO
Denise Bottmann

OBJETIVA

Copyright © 2018 by Helen Rappaport

*Gráfia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Race to Save the Romanovs: The Truth Behind the Secret Plans to Rescue Russia's
Imperial Family

Capa

Augusto Soares

Foto de capa

Granger/ Easypix Brasil

Preparação

Diogo Henriques

Índice remissivo

Probo Poletti

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Paula Queiroz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rappaport, Helen

A corrida para salvar os Románov : Os planos secretos para
resgatar a família imperial da Rússia / Helen Rappaport ; tradução
Denise Bottmann. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Objetiva, 2022.

Título original: The Race to Save the Romanovs: The Truth
Behind the Secret Plans to Rescue Russia's Imperial Family

ISBN 978-85-470-0149-0

1. Nicolau II, Imperador da Rússia, 1868-1918 — Família —
Assassinato 2. Románov, Casa de 3. Rússia — História — Nico-
lau II, 1874-1917 I. Título.

22-97509

CDD-947

Índice para catálogo sistemático:

1. Rússia : História 947

Aline Grazielle Benitez — Bibliotecária — CRB-1/3129

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

À memória de meus pais, Kenneth e Mary Ware

Não existe castigo pior para um monarca do que perder o amor de seu povo. Quem não passou por isso dificilmente entenderá.
Rei Afonso XIII da Espanha, no exílio, 1933

Arrastaram todo o nosso mundo para a destruição junto com eles. [...] Todos dizem que é um terrível castigo, mas eu digo que não é um castigo, mas um simples resultado lógico de suas próprias ações. É como se eles tivessem acendido um fósforo e ateado fogo às próprias roupas.
Grã-duquesa Cirilo em carta à irmã Maria, rainha da Romênia, Petrogrado, 10 de março de 1917

Desde então [1918] sou perseguido pela ideia de que, se tivesse insistido por mais tempo com o soviete do Ural, poderia ter salvado a família real russa.
Sir Thomas Preston, ex-cônsul britânico em Ekaterinburg, em carta à revista *The Spectator*, 11 de março de 1972

Sumário

<i>De Tsárskoie Seló a Ekaterinburg: Os locais de cativeiro dos Románov, 1917-8</i>	12
<i>Os Románov e seus parentes na realeza europeia</i>	14
<i>Glossário de nomes</i>	17
<i>A título de prefácio</i>	24
1. Famílias felizes	31
2. “Alguma catástrofe espreitando nas sombras”	48
3. “Alicky é a causa de tudo isso, e Nicky foi fraco”	75
4. “A cada dia, o rei fica mais preocupado”	92
5. “Ao porto Románov pela ferrovia de Murmansk”	110
6. “Não me darei por satisfeito enquanto eles não saírem em segurança da Rússia”	122
7. “Sabor de um romance de Dumas”	142
8. “Por favor, não cite meu nome!”	162
9. “Prefiro morrer na Rússia a ser salva pelos alemães!”	182
10. “A bagagem estará sempre em imenso perigo”	202
11. “Aguardem o assobio por volta da meia-noite”	231
12. “É cruel e horrível demais”	250
13. “Aqueles pobres e inocentes crianças”	268
14. “Sua Majestade preferiria que não se publicasse nada”	282

<i>Posfácio: “Culpa de ninguém”?</i>	305
<i>Agradecimentos</i>	311
<i>Notas</i>	317
<i>Referências bibliográficas</i>	349
<i>Créditos das imagens</i>	359
<i>Índice remissivo</i>	361

A CORRIDA PARA SALVAR OS ROMÁNOV

**DE TSÁRSKOIE SELÓ
A EKATERINBURG:
Os locais de cativeiro
dos Románov, 1917-8**







DINAMARCA

Cristiano IX da Dinamarca
1818-1906

c.
Luísa de Hesse-Kassel
1817-1898



GRÃ-BRETANHA

Rainha Vitória
1819-1901

c.
Alberto de Saxe-Coburg-Gota
1819-1861



ALEMANHA

Vitória, Princesa real
1840-1901

c.
Frederico III da Prússia
1831-1888

Eduardo VII
1841-1910

c.
Alexandra da Dinamarca
1844-1925

Valdemar
1858-1939

c.
Maria de Orléans
1865-1909

Guilherme, futuro rei Jorge I da Grécia
1845-1913

Frederico VIII
1843-1912

c.
Luísa da Suécia
1851-1926

Dagmar
1847-1928

c.
Tsar Alexandre III
1845-1894

Thyra
1853-1933

c.
Ernesto Augusto de Hanover
1845-1923



HE SSE

Alice
1843-1878

c.
Luís de Hesse e Reno
1837-1892

Alfredo
1844-1900

c.
Grã-duquesa Maria da Rússia
1853-1920
(duquesa de Coburgo)

3 outros



GRÉCIA

Guilherme II
1859-1941

c.
Augusta Vitória de Schelswig-Holstein
1858-1921

Sofia
1870-1932

c.
Constantino I da Grécia
1868-1923

6 outros

Jorge V
1865-1936

c.
Mey de Teck (rainha Maria)
1867-1953



NORUEGA

Maud
1869-1938

c.
Carlos, futuro rei Haakon VII da Noruega
1872-1957

4 outros

Cristiano X
1870-1947

c.
Alexandrina, duquesa de Mecklenburg-Schwerin
1879-1952

6 outros

Xenia
1875-1960

Olga
1882-1960

Mikhail
1878-1918

2 outros

Vitória
1863-1950

c.
Luís de Battenberg (Mountbatten)
1854-1921

Elisabeth (Ella)
1864-1918

c.
Grão-duque Serguei da Rússia
1857-1905

Vitória Luísa
1892-1980

c.
Ernesto Augusto de Hanover
1887-1953

6 outros

Eduardo VIII
1894-1972

c.
Wallis Simpson
1896-1986

Jorge VI
1895-1952

c.
Elizabeth Bowes-Lyon
1900-2002

4 outros

Luís, primeiro conde de Mountbatten
1900-1979

Olga
1895-1918

Tatiana
1897-1918

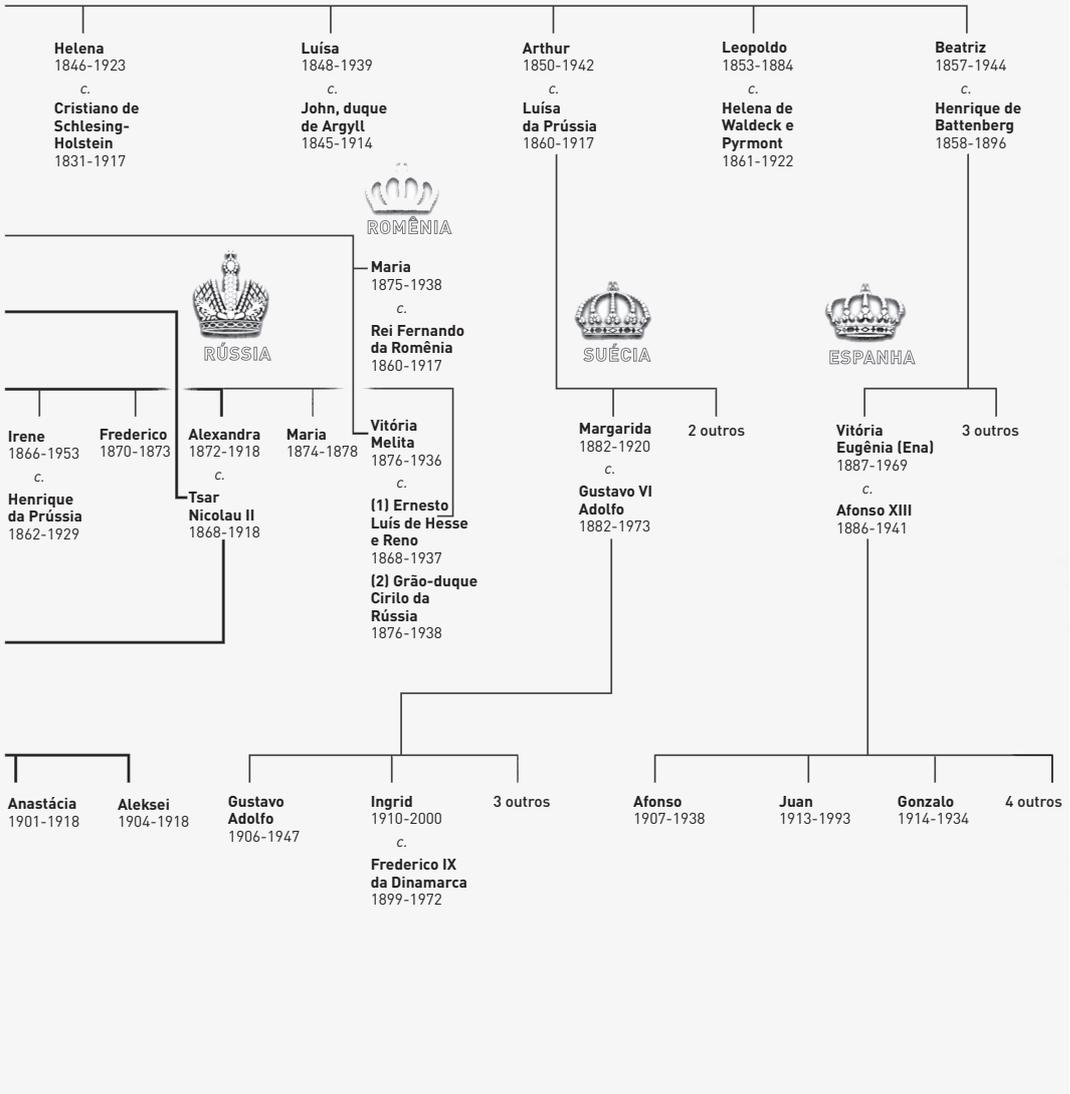
Maria
1899-1918

Rainha Elizabeth II
1926-

Margaret
1930-2002

OS ROMÁNOV

e seus parentes na realeza europeia



Glossário de nomes

Afonso XIII: Rei da Espanha; marido de *Ena*

Aleksei Nikoláevitch Románov: O tsarévitch, filho de *Nicolau* e *Alexandra*; afilhado de *Guilherme*

Alekseiev, general Mikhail: Chefe do Estado-Maior do Exército Imperial russo de 1915 até a abdicação de *Nicolau*, em março de 1917

Alexandra/ Alix/ Alicky: Princesa Alexandra de Hesse e Reno; Alexandra Fiódorovna, tsarina da Rússia; esposa de *Nicolau*

Alice: Princesa Alice da Grã-Bretanha, futura grã-duquesa de Hesse e Reno, mãe de *Alexandra*, *Irene*, *Ella*, *Vitória de Battenberg* e *Ernie*; irmã de *Bertie*

Alley, major Stephen: Agente do Serviço Secreto de Inteligência (SIS) britânico, baseado em Murmansk

Anastácia Nikoláevna Románova: Quarta filha de *Nicolau* e *Alexandra*

Andersen, Hans Niels: Empresário dinamarquês e amigo das famílias reais da Grã-Bretanha e Dinamarca

Armitstead, Henry: Agente da Hudson's Bay Company, baseada em Arcangel

Avdeev, Aleksandr: Representante de *Iákovlev* e futuro comandante da Casa Ipátiev em Ekaterinburg

Balfour, Arthur: Ministro britânico das Relações Exteriores (1916-9)

Beloborodov, Aleksandr: Presidente do soviete regional do Ural a partir de janeiro de 1918

- Benckendorff, conde Pável:** Grão-marechal e mestre de cerimônias na corte imperial russa
- Bertie:** Príncipe de Gales, futuro rei Eduardo VII; pai de *Jorge V*; marido de *Alexandra, a rainha-mãe*
- Bertie, Sir Francis:** Embaixador britânico em Paris (1905-18)
- Bethmann-Hollweg, Theobald von:** Chanceler alemão (1909-julho de 1917)
- Bótkin, dr. Evguéni:** Médico da família imperial russa, que a acompanhou a Tobolsk e a Ekaterinburg
- Bótkin, Piotr:** Embaixador imperial russo em Lisboa; irmão de *Evguéni Bótkin*
- Brändström, general Edvard:** Enviado diplomático sueco a São Petersburgo/ Petrogrado (1906-20)
- Brockdorff-Rantzau, conde Ulrich von:** Enviado diplomático alemão a Copenhague (1912-8)
- Buchanan, Meriel:** Autora britânica, filha de *Sir George Buchanan*
- Buchanan, Sir George:** Embaixador britânico em São Petersburgo/ Petrogrado (1910-7); pai de *Meriel Buchanan*
- Buxhoeveden, baronesa Sophie:** Dama de companhia honorária de *Alexandra*
- Cecil, Lord Robert:** Vice-ministro parlamentar das Relações Exteriores (1915-9)
- Cirilo, grã-duquesa:** Princesa Vitória Melita, filha da *duquesa de Coburgo*, irmã de *Maria da Romênia*, prima em primeiro grau de *Alexandra* e *Nicolau*
- Coburgo, duquesa de:** Grã-duquesa Maria Aleksándrovna, filha do tsar Alexandre II; esposa do príncipe Alfredo da Grã-Bretanha, duque de Coburgo; tia por casamento de *Alexandra, Ella, Irene, Vitória de Battenberg* e *Ernie*, e tia de sangue de *Nicolau*
- Contreras, Fernando Gómez:** Adido comercial espanhol em Petrogrado (1918)
- Cristiano X:** Rei da Dinamarca (1912-47), sobrinho da *rainha-mãe*, de *Dagmar* e de *Valdemar*, e primo em primeiro grau de *Nicolau*
- Cumming, Sir Mansfield:** Diretor do MI1(c), a divisão internacional do SIS britânico
- Dagmar/ imperatriz-mãe:** Princesa Dagmar da Dinamarca, imperatriz-mãe da Rússia, conhecida como *Maria Fiódorovna*, irmã da *rainha-mãe*, mãe de *Nicolau* e tia de *Cristiano X*
- Davidson, Sir Arthur:** Camarista de *Bertie* e, posteriormente, de *Jorge V* (1910-22)

- Dehn, Lili:** Dama do círculo próximo de *Alexandra*, mas sem posição oficial na corte
- Dolgorúkov, príncipe Vassili:** General de divisão com *Nicolau* no Quartel-General do Exército russo, acompanhou-o a Tobolsk; enteado do conde *Benckendorff*
- Egan, Maurice:** Embaixador americano na Dinamarca (1907-dezembro 1917)
- Ella:** Princesa Elisabeth de Hesse e Reno, futura grã-duquesa Elisabeth da Rússia, irmã de *Alexandra*, *Irene*, *Vitória de Battenberg* e *Ernie*
- Ena:** Vitória Eugênia de Battenberg, rainha da Espanha e esposa de *Afonso*; prima em primeiro grau de *Alexandra* e sobrinha de *Bertie*
- Ernie:** Grão-duque Ernesto Luís III de Hesse e Reno, irmão de *Alexandra*, *Ella*, *Irene* e *Vitória de Battenberg*
- Gilliard, Pierre:** Preceptor suíço que ensinava francês às grã-duquesas e ao tsarévitch *Aleksei*
- Golochtchekin, Filipp:** Comissário militar do soviete regional do Ural
- Gueórgui, grã-duquesa:** Esposa do grão-duque Gueórgui Mikháilovitch, filha do rei Jorge I da Grécia
- Guilherme:** Cáiser da Alemanha, primo em primeiro grau de *Alexandra* e *Jorge V*; padrinho de *Aleksei*
- Gustavo v:** Rei da Suécia, com distante parentesco por afinidade com os Románov
- Haakon VII:** Rei da Noruega, casado com *Maud*, sua prima em primeiro grau, que, como ele, era também prima em primeiro grau de *Nicolau*
- Hanbury-Williams, general de divisão Sir John:** Chefe da Missão Militar britânica na Rússia (1914-7); baseado em Stavka, conselheiro de *Nicolau*
- Hardinge, Lord:** primeiro barão de Penshurst, vice-ministro de Estado permanente das Relações Exteriores (1916-20)
- Hardinge, Sir Arthur:** Embaixador britânico em Madri (1913-9)
- Hauschild, Herbert:** Primeiro-secretário e cônsul interino alemão em Moscou (1918)
- Howard, Sir Esmé:** primeiro barão Howard de Penrit, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do reino da Suécia (1913-8)
- Iákovlev, Vassili:** Konstantin Miáchin, comissário soviético incumbido da transferência dos Románov de Tobolsk para Ekaterinburg

- Irene:** Princesa Henrique da Prússia, irmã de *Alexandra, Ella, Vitória de Battenberg e Ernie*; cunhada de *Guilherme*
- Iurovski, Iákov:** Bolchevique do Ural e membro da Tcheka (polícia secreta); nomeado comandante da Casa Ipátiev em 4 de julho de 1918 a fim de organizar e supervisionar o posterior assassinato da família Románov
- Iussúpov, príncipe Felix:** Assassino de Raspútin; sobrinho por casamento de *Nicolau e Alexandra*; um dos conspiradores que queriam retirar *Alexandra* do poder
- Joffe, Adolf:** Primeiro embaixador soviético em Berlim (1918)
- Jorge v:** Rei da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte; primo em primeiro grau de *Guilherme, Nicolau e Alexandra*
- Kerénski, Aleksandr:** Ministro da Justiça do Governo Provisório (março de 1917); ministro da Guerra (maio de 1917); primeiro-ministro (julho-outubro de 1917)
- Khitrovo, Rita (Margarita):** Amiga e colega de enfermagem de *Olga* em seu hospital em Tsárskoie Seló
- Kienlin, Albert von:** Secretário da legação alemã em Estocolmo
- Kobilínski, coronel Evguéni:** Comandante da Guarnição do Palácio de Alexandre em Tsárskoie Seló; comandante da Guarda na Casa do Governador em Tobolsk
- Kokóvtsov, Vladímir:** Ex-primeiro-ministro da Rússia (1911-4)
- Krivochein, Aleksandr:** Monarquista russo, ex-ministro imperial da Agricultura (1908-15)
- Kudachev, príncipe Ivan:** Embaixador russo em Madri, substituído em julho de 1917 por *Nekliudov*
- Kühlmann, Richard von:** Ministro alemão das Relações Exteriores (agosto de 1917-julho de 1918)
- Lied, Jonas:** Empresário norueguês, magnata da marinha mercante e aventureiro; pioneiro da passagem do mar de Kara para o norte da Rússia
- Lloyd George, David:** Primeiro-ministro britânico do governo de coalizão de liberais e conservadores no período de guerra (1916-22)
- Locker-Lampson, Oliver:** Capitão-tenente do Corpo de Voluntários da Reserva da Marinha Real, no comando da Divisão de Blindados britânica na Rússia (1916-7)

Lockhart, Robert Bruce: Diplomata e espião; cônsul-geral britânico em Moscou (1917); primeiro enviado diplomático britânico aos soviéticos (1918)

Lvov, príncipe: Primeiro-ministro do Governo Provisório (março-julho de 1917)

MacDonald, Ramsay: Parlamentar trabalhista britânico, líder da oposição e primeiro premiê trabalhista, em 1924

Maria da Romênia: Princesa herdeira e futura rainha; filha da *duquesa de Coburgo*, irmã da *grã-duquesa Cirilo*; prima em primeiro grau de *Nicolau e Alexandra*

Maria Nikoláevna Románova: Terceira filha de *Nicolau e Alexandra*

Maria, rainha: Princesa May de Teck, esposa do *rei Jorge V*

Márkov, Nikolai: Conselheiro colegiado russo e antigo membro da Duma; importante monarquista, conhecido como *Márkov II*

Márkov, porta-estandarte Serguei: Monarquista russo, conhecido como *Pequeno Márkov*

Maud, princesa: Filha de *Bertie e Alexandra*, a *rainha-mãe*; rainha da Noruega e esposa do *rei Haakon VII*

Merry Del Val, Alfonso: Embaixador espanhol em Londres (1913-8)

Mikhail Aleksándrovitch, grão-duque: Irmão de *Nicolau* e filho de *Dagmar*

Mikhail Mikháilovitch, grão-duque: “Miche-Miche”, filho do grão-duque *Mikhail Nikoláevitch*; neto de *Nicolau I* e irmão de *Sandro*

Miliúkov, Pável: Ministro das Relações Exteriores do Governo Provisório (março-maio de 1917), sucedido por *Terechtchenko*

Mirbach, conde Wilhelm von: Embaixador alemão em Moscou (abril-julho de 1918)

Mossólov, conde Aleksandr: Chefe da Chancelaria da Corte Imperial russa

Neidgart, Dmítiri: Monarquista russo e representante do Pravi Tsentri nas negociações com os alemães

Nekliudov, Anatóli: Embaixador imperial russo em Estocolmo (1913-7); embaixador em Madri (junho-setembro de 1917)

Nicolau/ Nicky/ Niki: Tsar Nicolau II da Rússia, marido de *Alexandra* e filho de *Dagmar*

Nikolai Nikoláevitch, grão-duque: Primo em segundo grau de *Nicolau*, citado como tio; ex-comandante-chefe do Exército Imperial russo

Olga Nikoláevna Románova: Filha de *Nicolau e Alexandra*

- Paléologue, Maurice:** Embaixador francês em São Petersburgo/ Petrogrado (1914-7)
- Pankrátov, Vassíli:** Comandante da Casa do Governador em Tobolsk
- Poole, general de divisão Frederick C.:** Comandante-chefe britânico das Forças de Intervenção Aliadas no norte da Rússia (maio-outubro de 1918)
- Preston, Thomas:** Cônsul britânico em Ekaterinburg (1913-8)
- Rainha-mãe:** Alexandra, princesa da Dinamarca, esposa de *Bertie*, mãe do rei *Jorge V*; tia de *Nicolau e Alexandra*
- Ratibor, príncipe Maximiliano de:** Embaixador alemão em Madri
- Rodziánko, Mikhail:** Presidente da Duma Estatal do Império Russo (1911-7)
- Sandro:** Grão-duque Aleksandr Mikháilovitch, casado com *Xenia*, irmã de *Nicolau*
- Scavenius, Harald:** Embaixador dinamarquês em São Petersburgo/ Petrogrado (1912-8)
- Solovev, tenente Bóris:** Monarquista russo disposto a resgatar os Románov; marido de *Maria*, filha de *Raspútín*
- Stamfordham, Lord:** Arthur Bigge, primeiro barão de Stamfordham; secretário particular de *Jorge V* (1910-31)
- Sverdlov, Iákov:** Presidente do Comitê Executivo Central e braço direito de *Lênin*; em íntimo contato com os bolcheviques do soviete regional do Ural, teve papel essencial no destino dos Románov
- Tatiana Nikoláevna Románova:** Segunda filha de *Nicolau e Alexandra*
- Tchitcherin, Gueórgui:** Comissário do Povo para as Relações Exteriores (1918-30) no primeiro governo soviético
- Terechtchenko, Mikhail:** Ministro das Relações Exteriores da Rússia (maio-outubro de 1917), sucessor de *Miliúkov*
- Trepov, Aleksandr:** Monarquista russo e ex-primeiro-ministro (1916-7)
- Valdemar:** Príncipe da Dinamarca, irmão de *Dagmar* e da *rainha-mãe*; tio de *Nicolau*
- Vassíliev, padre Aleksandr:** Padre na Igreja da Anunciação, em Tobolsk; associado de *Solovev*
- Vírubova, Anna:** Amiga íntima e dama de companhia de *Alexandra*
- Vitória de Battenberg:** Princesa Vitória de Hesse e Reno; esposa do príncipe Luís de Battenberg, futura marquesa de Milford Haven; irmã de *Alexandra, Ella, Irene e Ernie*; sobrinha de *Bertie*

- Vitória Melita:** Ver *Cirilo*, grã-duquesa
- Vladimir, grã-duquesa:** Também conhecida como Maria Pávlovna; tia de *Nicolau* por casamento
- Vorovski, Vatslav:** Embaixador soviético em Estocolmo (1917-8)
- Waters, Wallscourt Hely-Hutchinson, general de brigada:** Chefe da Missão Militar britânica junto ao Exército Imperial Russo na Primeira Guerra Mundial; amigo de *Guilherme*
- Woodhouse, Arthur:** Cônsul britânico em Petrogrado que cuidou dos interesses diplomáticos depois que o embaixador, *Sir George Buchanan*, retornou ao Reino Unido em janeiro de 1918
- Xenia:** Grã-duquesa Xenia Aleksándrovna, filha de *Dagmar* e irmã de *Nicolau*; esposa de *Sandro*

A título de prefácio

Depois de publicar dois livros sobre a última família imperial da Rússia (em 2008 e 2014), um livro sobre Lênin (em 2009) e um sobre a Revolução Russa (em 2016), realmente pensei que havia encerrado meu romance por escrito com os Románov e a Rússia. Parecia-me ter esgotado tudo o que tinha a dizer sobre o assunto. A partir daí, como escritora, ia ficar mais perto de casa, voltando à minha outra paixão, os vitorianos.

Mas, lá no fundo, alguma coisa continuava me incomodando. Os Románov não me deixavam.

Románov. Rússia. Revolução. Essas três palavras sedutoras têm atraído muitos de nós para a trágica história da última família imperial russa nestes pouco mais de cem anos desde sua morte. Elas sugerem uma grandeza que, em muitos aspectos, corre em sentido totalmente contrário à realidade da família em seu centro, ainda que essa família pertencesse à realeza. O que existe de tão especial na história do tsar Nicolau II, de sua esposa Alexandra e dos cinco filhos do casal, Olga, Tatiana, Maria, Anastácia e Aleksei, que não para de nos fascinar? Embora represente a apoteose de trezentos anos de governo dinástico na Rússia — durante os quais acumularam uma fabulosa riqueza, imensas terras e muitos palácios grandiosos —, não é a escala épica da história da família imperial que exerce esse fascínio, mas sim a história intensamente comvente e humana de uma família tranquila, amorosa e muito discreta, pouco afeita à ostentação, que amava acima de tudo a mútua companhia, mas teve seu fim num pavoroso assassinato.

Embora a história de Nicolau e Alexandra defina o cenário nos capítulos iniciais deste livro — e veremos como eles foram, em muitos aspectos, senhores de seu próprio e violento destino —, são seus filhos que nos inspiram uma persistente tristeza, e a vontade de que o desfecho tivesse sido diferente.

Como governantes do império mais poderoso do mundo, Nicolau e Alexandra ansiavam fervorosamente por ter um filho e herdeiro. Entre 1895 e 1901, o nascimento em rápida sucessão de quatro filhas — Olga, Tatiana, Maria e Anastácia — havia gerado considerável angústia pública, mas ao mesmo tempo grande alegria privada. Por fim, em 1904, a chegada de um filho e herdeiro ao trono, Aleksei, alterou toda a vida dos Románov, que passaram a se concentrar exclusivamente no tsarévitche enfermo e na interminável batalha para conter seus debilitantes ataques de hemofilia, a qual lhe fora transmitida involuntariamente pela mãe, e que podia matar a qualquer momento “A Esperança da Rússia”.

Com tanta atenção voltada para Aleksei, as quatro irmãs eram cada vez menos notadas, passando continuamente para o segundo plano, um coletivo indiferenciado de meninas bonitas que pareciam simpáticas, pacatas... e insípidas. Mas, embora vivendo o tempo todo à sombra do dever filial para com o irmão e da lealdade para com a mãe inválida e controladora, as irmãs não perderam em absoluto seus marcantes traços individuais. Bondosa e sensível, amante da poesia, mas propensa à introspecção e à oscilação nos estados de espírito, Olga sentia, como primogênita, o peso de dar o exemplo. Por sua vez, Tatiana nunca traía os próprios sentimentos: era vivaz, competente e extremamente prática. Tinha a mesma personalidade cautelosa e reservada da mãe, por quem nutria devoção. Maria era meiga, gentil e amorosa. Tinha uma propensão natural a cuidar dos outros, e amava crianças. Mas, como filha do meio, era suscetível às provocações dos demais, sobretudo de Anastácia. Muito se tem escrito sobre a caçula dos Románov — talvez em detrimento das outras irmãs —, que possuía um extraordinário individualismo, um espírito livre, ardente e extrovertida, com grande talento para entreter os outros e manter o ânimo elevado. E, por fim, havia Aleksei, um menino vivo e inquisitivo, mimado pela mãe superprotetora — o que incentivava acessos de malcriação — mas que ao crescer veio a demonstrar grande inteligência e intuição, além de compaixão pelas pessoas que, como ele, tinham problemas de saúde.

O mundo doméstico íntimo e altamente protegido em que esses cinco filhos habitaram com grande contentamento até a eclosão da guerra, em 1914, era muito diferente do mundo público ocupado por Nicolau e Alexandra. Em 1917, o tsar e a

tsarina — antes tão amados como o “paizinho” e a “mãezinha” da nação — eram amplamente execrados na Rússia em rápida transformação revolucionária. O país estava cansado dos abusos do velho regime repressor e autocrático, e as vozes cada vez mais sonoras da dissidência exigiam sua derrubada e a implantação de um governo constitucional democrático.

Durante os anos de guerra, entre 1914 e 1918, os filhos de Nicolau e Alexandra tinham começado a ver e viver em primeira mão a desagradável realidade da ampla antipatia a seus pais. Tiveram de amadurecer rápido — as duas irmãs mais velhas, Olga e Tatiana, preparando-se como enfermeiras para trabalhar no hospital montado pela mãe em Tsárskoie Seló, e todos eles, inclusive Aleksei, ajudando instituições da Cruz Vermelha, visitando hospitais e se dedicando a outras atividades de guerra. Mas então o confronto degradingolou em revolução e caos; em março de 1917, a metafórica gaiola de ouro em que os filhos Románov até então viviam protegidos se converteu numa gaiola muito concreta e assustadora. O velho governo tsarista — a Duma Estatal — caiu, e Nicolau foi forçado a abdicar. Agora prisioneiros do novo Governo Provisório russo, os Románov foram mantidos em prisão domiciliar, primeiro no Palácio de Alexandre (de março a julho de 1917), depois em Tobolsk (agosto de 1917 a abril de 1918), e por fim na Casa de Finalidades Especiais, em Ekaterinburg.

Foi lá, nesse centro da indústria mineira do Ural, na Sibéria Ocidental, que os Románov, em seus últimos 98 dias de vida, finalmente começaram a sentir uma mudança sinistra na atmosfera. Até então, eles haviam suportado a monotonia do cativo com uma mistura de profundo tédio e calma resignação. Mas, para a revolução bolchevique, aproximava-se o fim do jogo, e isso significava uma coisa só: um ato brutal e vingativo de retaliação contra toda a família imperial. Nicolau e Alexandra devem ter percebido que, mais cedo ou mais tarde, a revolução exerceria vingança sobre eles. Mas sobre os filhos também?

As mortes violentas dessas sete vítimas imperiais, junto com as do médico da família e as de três leais servidores, ainda que agora nos pareçam pavorosas, na época logo foram esquecidas, tragadas por uma onda muito mais horrenda de lutas e assassinatos selvagens; 11 milhões de russos foram mortos durante os anos de revolta e guerra civil entre 1917 e 1922.

Apesar disso, para alguns, a família Románov sempre representará historicamente as primeiras vítimas simbólicas do novo regime soviético e de um sistema

que prosseguiria matando outros milhões de russos nas décadas seguintes de repressão stalinista. Há também outro elemento que mantém essa história na consciência pública: uma sensação persistente — muitas vezes não plenamente compreendida — de que o regicídio, o assassinato de um rei ou de um tsar, é o assassinato do ungido de Deus; uma ação que ultrapassa um limite, além do qual qualquer mal é possível.

Mas, ao fim, é o assassinato de crianças inocentes que mais nos horroriza.

Desde os primeiros instantes, ao andar pelas ruas de Ekaterinburg no verão de 2007, durante as pesquisas para meu livro *Os últimos dias dos Románov*, senti uma grande simpatia pela última família imperial russa. No calor úmido de julho, em horas avançadas das feéricas noites brancas que iluminam a cidade, eu percorria as ruas de norte a sul, de leste a oeste, imaginando os últimos dias dos Románov na Casa Ipátiev, na Voznesenski Prospekt. Fui até a floresta de Koptiaki, a cerca de quinze quilômetros de distância, e lá, num silêncio enlevado, fiquei ao lado dos peregrinos que pranteavam os Románov, no local onde os corpos da família e de seus fiéis servidores foram atirados em caótica pressa naquela primeira noite. Fui até a modesta cruz de madeira com flores de plástico numa clareira da mata, não muito distante, onde todos eles — exceto Maria e Aleksei — foram arremessados numa cova rasa, 48 horas depois. Tentei entender por que essa história prendia tanto minha imaginação. Eu podia compreender a intensa e profunda dor que cercava o assassinato dos Románov, ainda nutrida pelos russos ortodoxos devotos; como todos os demais, fora envolvida pelo elevado drama e por seus elementos trágicos. Mas minha atração fundamental era a de historiadora e escritora. Eu queria respostas para perguntas que me incomodavam desde longa data e que até aquele momento não havia me empenhado em responder. Queria chegar à verdade do que acontecera de fato em 1917-8.

A canonização da família Románov nos anos 1980, seguida pelo ressurgimento da Igreja Ortodoxa russa após a queda do comunismo em 1991, alimentou um grau de veneração que hoje converteu Ekaterinburg num grande centro de peregrinação. Em decorrência disso, nestes últimos 25 anos na Rússia pós-soviética, veio à luz uma grande quantidade de dados e elementos sobre as circunstâncias da família no cativeiro, desde sua prisão domiciliar no Palácio de Alexandre até os últimos dias de perseguições e maus presságios em Ekaterinburg. Desde os anos 1990, vários historiadores russos têm publicado informações valiosas que

por muito tempo ficaram abandonadas nos arquivos soviéticos, e escrito longamente sobre os assassinatos e a identidade de seus perpetradores. A persistente controvérsia sobre os exames de DNA dos restos mortais dos Románov — feitos inicialmente nos anos 1990 e repetidos em data mais recente por determinação da Igreja Ortodoxa russa — faz com que a história reaflore periodicamente na imprensa. A cada vez, seguem-se a ela as inevitáveis e tediosas teorias conspiratórias, e as alegações de uma milagrosa sobrevivência; ainda hoje, elas teimam em persistir.

O mês de julho de 2018 marcou o centenário do assassinato dos Románov. Foi, sem dúvida, o momento mais oportuno e adequado para fechar a metafórica tampa do caixão e pôr termo a essa história. Para mim, como historiadora, permanece sem resposta uma série de perguntas importantes que até agora ninguém fez — exceto de maneira fragmentada, aqui e ali, muitas vezes com base em conjecturas e não em pesquisas originais com fundamentação documental. Essas perguntas são:

Por que ninguém conseguiu salvar os Románov?

Por que nenhum dos vários primos da família imperial na realeza europeia se propôs a ajudá-los? Por que os governos Aliados, com os quais a Rússia vinha travando uma guerra encarniçada há três anos e meio, não os socorreram? Por que o Governo Provisório se mostrou incapaz de realizar uma rápida e segura evacuação da Rússia após a abdicação de Nicolau? Por que a Alemanha não aproveitou sua margem de vantagem nas tratativas de paz em Brest-Litovsk com os bolcheviques, em 1918, e insistiu na libertação dos Románov? E por que todos se deixaram levar tão facilmente pelo jogo duplo do governo soviético de Lênin quanto às reais circunstâncias do brutal assassinato da família imperial?

Falo com frequência sobre os Románov no circuito dos festivais literários, e o público, ao final de toda apresentação, sempre faz duas perguntas previsíveis. Uma delas é: “Anastácia fugiu?”; e a outra: “Por que o rei Jorge V traiu os primos Románov e não lhes deu asilo na Inglaterra?”.

Ah, então a culpa foi do rei Jorge, que não saiu correndo a galope para salvar os primos? Se fosse tão simples... A história que deslindo aqui é muito mais complexa: envolve uma teia fascinante de relações familiares pessoais; preconceitos e rivalidades políticas internas e externas; caprichos da geografia e do clima, e as dificuldades logísticas deles decorrentes; e, no nível mais básico, pura e simplesmente timing ruim.

Para reunir e dar sentido a todos esses elementos, achei por bem começar pelas atitudes e relações entre os primos da realeza que estavam em guerra — ou ocupando uma perigosa posição de neutralidade — em agosto de 1914. Assim, precisei voltar ao mundo fechado e incestuoso da realeza europeia dos anos 1890.